

INCLUSÃO O DIREITO DE SER DIFERENTE: UM OLHAR ATRAVÉS DA ARTETERAPIA

Lípio Emanuel Bezerra Lourenço¹

Egle Pires Santos²

Faculdade Unyleya

eglesantos@unyleya.com.br

lipio_emanuel@hotmail.com

Resumo: As temáticas inclusão e acessibilidade educacional através da arte têm sido cada vez mais discutidas na atualidade, pelo sistema educacional. A arte traz contribuições para o desenvolvimento e inclusão das crianças com deficiência, nas questões educacionais, familiares e sociais. O objetivo deste artigo é promover a construção de uma discussão teórica, acerca das transformações possibilitadas pela arte na acessibilidade e inclusão educacional da criança com deficiência, sob o olhar da Arteterapia, bem como pretende demonstrar de que forma a arteterapia pode ser um objeto facilitador para que família, educadores e escola possam contribuir nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão educacional destas crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida através de uma revisão bibliográfica. Serviram de base para o levantamento literário livros, artigos, periódicos e trabalhos de conclusão de curso (TCC). Após as leituras, percebeu-se que a arteterapia pode contribuir para desmistificar estigmas e estereótipos acerca da acessibilidade e inclusão educacional das crianças com deficiência, sobretudo na sua aprendizagem e desenvolvimento através da arte, auxilia educadores, família e sociedade à acharem novos caminhos para lidarem com a deficiência da criança.

Palavras-chave: Arteterapia, Criança com deficiência, Educação Especial, Acessibilidade Educacional, Inclusão.

Introdução

A arteterapia é um tema presente na educação e nos diversos campos de atuação escolar, mas, no caso da Educação Especial, assume características especiais ao que refere-se à inclusão escolar da criança com deficiência através da arte. Este artigo procura dentro de uma perspectiva de sensibilização responder a uma necessidade emergente no campo educacional inclusivo, no que diz respeito as estratégias inclusivas de acessibilidade educacional buscadas na arte, para o desenvolvimento, ensino-aprendizagem e inclusão educacional da criança com deficiência, juntamente com os avanços possibilitados por ela nas questões educacionais, familiares e sociais.

Com os avanços e impasses que o sistema educacional vem perpassando nos dias atuais, é importante a realização de uma análise mais acurada sobre o papel exercido pela família, sociedade

e escola nas suas atitudes, padrões e valores, na busca de saídas para a melhor integração da criança com deficiência no sistema educacional inclusivo.

A aprendizagem não se restringe apenas ao que acontece no espaço educacional (escola e sala de aula), mas está presente em todos os contextos em que o aprendiz, sujeito de conhecimento, está inserido, quer seja na família, comunidade, trabalho ou em qualquer outro espaço vital.

Ciornai (2004) reconhece a arteterapia como o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Para a autora, a arteterapia possibilita, oportuniza e estimula o indivíduo nos processos de autoconhecimento, criatividade e transformação pessoal, objetivando resgatar a autoestima, ampliar as percepções que o indivíduo tem do mundo e conseqüentemente levá-lo a mudanças de atitudes.

A arteterapia possibilita o enlace de diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a educação. Conhecendo e explorando os recursos arteterapêuticos, o educador poderá estar propiciando aos alunos com deficiência novas experiências de autoconhecimento, descobertas que os ajudarão nos processos de desenvolvimento, ensino-aprendizagem e inclusão educacional. Portanto, ao favorecer o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estética, o ensino da arte durante a infância proporciona às crianças uma leitura e interpretação ao seu modo, do mundo ao seu redor e, assim, transformem-se e o transformem.

Entretanto, a arteterapia, além de proporcionar consideráveis progressos para o desenvolvimento das crianças com deficiência, é uma oportunidade para que se possa avançar nas questões familiares, educacionais e sociais, respaldando os benefícios que podem ser alcançados através da arte, a partir da participação e do envolvimento (família e escola) na vida destas crianças.

Este artigo tem como objetivo a construção de uma discussão teórica, acerca das transformações possibilitadas pela arte na acessibilidade e inclusão educacional da criança com deficiência, sob o olhar da Arteterapia, bem como pretende demonstrar de que forma a arte pode ser um objeto facilitador para que família, educadores e escola possam contribuir na vida destas crianças em seus processos de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão educacional.

A pesquisa justifica-se pela a relevância do tema proposto, contribuir para desmistificar estigmas e esteriótipos acerca da acessibilidade educacional fornecida às crianças com deficiência,

no que diz respeito ao seu aprendizado, desenvolvimento e inclusão educacional através da arteterapia e trazer mais clareza sobre as barreiras enfrentadas pela família e educadores no processo de inclusão escolar destas crianças.

O presente artigo é resultado de um estudo qualitativo a partir de uma revisão bibliográfica de caráter narrativo e está estruturado da seguinte forma: introdução contendo uma breve contextualização a respeito da temática, bem como objetivo e justificativa da pesquisa; procedimentos metodológicos, onde será descrita a metodologia utilizada para a concepção deste trabalho; resultados e discussões contendo uma revisão literária do tema tratado a partir de autores nacionais e internacionais; e as considerações finais contendo os achados nessa pesquisa.

Metodologia

A proposta de analisar as transformações possibilitadas pela arte na acessibilidade e inclusão educacional da criança com deficiência, sob o olhar da Arteterapia, é de imenso questionamento acadêmico, para tal, o propósito geral da pesquisa foi reunir conhecimentos sobre um tópico, ajudando na fundação de um estudo significativo para a educação. Nesse sentido, optou-se por um estudo qualitativo a partir de uma revisão bibliográfica, trata-se de um estudo direto em fontes científicas, que não precisa recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica (OLIVEIRA, 2008).

Para o levantamento literário realizou-se uma busca em livros, artigos, periódicos e trabalhos de conclusão de curso (TCC) cujas bases de dados: Scielo, Periódicos Capes e Pespisic. Foram utilizados, para busca dos artigos, os seguintes descritores e suas combinações na língua portuguesa: “arte”, “arteterapia”, “acessibilidade”, “criança com deficiência”, “desenvolvimento”, “escola”, “inclusão” e “família”. Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português; artigos que retrataram a temática referente à revisão literária e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos.

Resultados e Discussão

Uma educação de qualidade para todos contende-se, entre outros fatores, a atribuição de novas dimensões na escola no que consiste as práticas de acessibilidade e inclusão educacional da pessoa com deficiência, ela deve ser provedora da valorização das diferenças, resgatando e respeitando a diversidade cultural.

Para Silva (2014) a Educação Especial deve fornecer ao educador serviços necessários para à atualização de suas habilidades. Dessa forma, o educador precisa está apto em sua dinâmica de ensino e apoio, para auxiliar a criança com deficiência no processo de inclusão escolar, na sua aprendizagem e desenvolvimento. Sendo assim, incluir significa oferecer apoio para professores e alunos.

Entender a deficiência é um valor universal. Entender as diferenças, é o primeiro passo para o processo de inclusão educacional. Nesta perspectiva, Mantoan (2006, p.16) afirma que: “a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular”.

A autora ainda relata que para se alcançar os ideais da igualdade seria necessário eliminar as desigualdades sociais e permanecer com as desigualdades naturais, pois estas são indiferentes aos preconceitos gerados pelas relações de domínio social (MANTOAN, 2006).

Portanto, a inclusão educacional propõe a construção de uma educação pautada na igualdade para todos, no tocante a inserção da pessoa com deficiência ou não nas escolas de ensino regular, fornecendo à acessibilidade de atendimentos específicos a todos.

Diante desses conceitos, a inclusão educacional não se trata de dar lugar ao diferente, é reconhecer que as pessoas com deficiência sempre tiveram seu lugar, e que na maioria das vezes a sociedade se recusa a enxergar. O ato de incluir implica nas mudanças de paradigmas, em olhar para o mundo com outro ângulo, ou seja, é aprender à lidar com as diferenças.

A educação inclusiva historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social (BRASIL, 2006).

A partir dos anos de 1990, toma-se como marco, a Declaração de Salamanca que “define políticas, práticas e ações governamentais na Educação Especial, no qual sugere a promoção de uma educação para todos” (UNESCO, 1994). Com este marco histórico, o movimento de inclusão escolar ganhou abertura tanto nacional quanto internacionalmente, considerando-a como novo paradigma educacional que reconhece o direito de todas as crianças a educação no sistema regular de ensino (REILY, 2010), trazendo avanços na democratização da escola regular de ensino.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996, retificada em 2013 trata, especificamente, no Capítulo V, da Educação Especial. "Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação" (art. 58, V).

Portanto, à modalidade de educação oferecida nos dias atuais, no tocante a pessoa com deficiência, perpassa transversalmente todos os níveis de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior, trata-se de um conjunto de recursos educacionais e de estratégias de apoio que oferecem diferentes alternativas de atendimento.

Nas últimas décadas, muito se tem debatido sobre um Sistema Educacional Inclusivo, no qual uma educação inclusiva de qualidade para todos deve atribuir novos paradigmas educacionais na escola no que retrata-se à participação da família, interligada à aceitação e valorização da diversidade, para estabelecer relações eficazes para favorecer atendimento igualitário para todos.

Sigolo (2004, p. 189) afirma que à família é um espaço de socialização infantil, pois se constitui como mediadora na relação entre a criança e a sociedade. Sendo assim a autora, considera a família como o primeiro sistema no qual o indivíduo a partir de atividades e relações interpessoais vivenciadas se desenvolve.

Para que se possa construir uma família inclusiva e participativa na escola, é preciso antes de qualquer coisa, de toda uma mudança em sua estrutura e no pensamento dos seus componentes, para nortear e desencadear essas pessoas à real aceitação da criança com deficiência.

As crianças são como a arte: pura expressão, todos os seus sentidos estão despertos a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento, tem um certo jeito para aprender, aproximando-se de algo que lhes interessa, movidas pela curiosidade, pela observação, pelo o desejo de sentir e conhecer, tocar, olhar e trazer de alguma forma para si aquela experiência. Muitas vezes, trazem questões de suas vidas em seus trabalhos de arte, desenham e pintam contando histórias, trazendo realidades que elas vivenciam com a família ou até mesmo em sociedade.

Vigotski (2001) reconhece a arte como o social em nós. Não se trata de um social distante que o indivíduo acessa quando quer. O social a que se refere é algo que participa da estrutura de

cada pessoa, que convive em uma sociedade repleta de história, em seus processos de pensamento, de emoção, de reconhecimento de si, dos outros, do mundo e de tudo o que a cerca e que a ela diz respeito.

A análise psicológica da arte empreendida por Vigotski permite reconhecer e destacar que a arte educa. Ela é, por excelência, a atividade que propicia a educação dos sentimentos do homem social. É próprio da arte, e somente dela, ser a técnica social do sentimento.

Partindo desta perspectiva no ano de 2000 no Brasil, aconteceu a realização do V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola Para Todos e o VI Festival Nacional de Arte Sem Barreiras, no qual reuniu educadores, educadores especiais, arteeducadores e demais profissionais. O evento trouxe o reconhecimento da arte na perspectiva da inclusão, como linguagem integrativa para a superação de barreiras e aproximação da diversidade dos grupos culturais, no qual, visou-se uma sociedade inclusiva (ANDRIES, 2014).

A arteterapia também é fruto da diversidade, ela envolve duas palavras que se completam e se interrelacionam: Arte e Terapia. A partir destas duas palavras, pode-se definir arteterapia como sendo o uso da arte dentro de um processo terapêutico (VALLADARES, 2004). Quando inserida no contexto educacional inclusivo, possibilita ao educador trabalhar com a criança com deficiência, através da expressão verbal e não verbal, diferentes formas de autoconhecimento, para o seu crescimento pessoal.

Na educação, a arteterapia pode auxiliar no desenvolvimento psicopedagógico das atividades e dinâmicas de grupo realizadas em sala de aula. A escola tem a missão de educar o indivíduo, sendo provedora do seu desenvolvimento, aprendizado e relação com o mundo, para assim formá-lo.

Martins (2006), reconhece a educação como um "processo de ação da sociedade sobre o educando, visando integrá-lo segundo seus padrões sociais, econômicos, políticos e seus interesses". Sendo assim, os profissionais da educação mediante essa responsabilidade, precisam ter abertura e conhecimento do mundo em que vivem, absorvendo o que de positivo dele emana e aprendendo com as influências negativas.

Assim, Ciornai (2004, p.7) afirma:

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. [...] é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças (CIORNAI, 2004, p.7).

A arteterapia pode ser um suporte terapêutico excelente no processo inclusivo, pois possibilita que educadores encontrem dispositivos para estimulação da criatividade, permitindo a criança com deficiência a descoberta de uma nova socialização e o estabelecimento da sua confiança.

A inter-relação entre educador, arte e criança com deficiência é um processo necessário no fazer psicopedagógico enquanto possibilidade para que o educador se aproprie gradativamente dos recursos artísticos em todas as instâncias e vá percebendo que não há como trabalhar alguém sem antes trabalhar a si mesmo (OLIVEIRA, 2013).

Ciornai (2004), afirma que a criatividade e as atividades artísticas podem ser facilitadoras e catalizadoras do processo de resgate da qualidade de vida. Sendo assim, a arteterapia seria um caminho para que o indivíduo descubra possibilidades de expressão para, figurar e reconfigurar, através de técnicas e materiais artísticos, suas dificuldades de relacionamento com o outro e com o mundo.

A arteterapia na educação, pode ser um elemento mediador e reorganizador da subjetividade e socializador de saberes. Em sua essência, é imutável e somente seus empregos modificam-se nas diferentes gerações. A atividade artística é um trabalho que possui leis particulares de ordem emocional, ou seja, dos modos de funcionamento da unidade entre afeto e intelecto. Ela pode contribuir na formação social da consciência de si e do outro (FERREIRA; SOUZA; SILVA; DECHICHI, 2009).

Sendo assim, a arteterapia possibilita a reflexão no contexto social humano sobre a história e a cultura. Em vários trabalhos artísticos, são apresentadas questões humanas sobre desigualdade social. Como demonstra Carvalho (2004, p.54):

O discurso fundante calcado numa racionalidade objetiva em torno das deficiências e organizado como retórica social, histórica e econômica gerou, no imaginário social, um sujeito fundado como deficiente incapaz e improdutivo, porque é percebido apenas em suas limitações, qualquer que seja a manifestação objetiva de sua deficiência (CARVALHO, 2004, p.54).

Desse modo, toma-se como pressuposto a arteterapia como provedora da inclusão social. A arteterapia pode possibilitar a liberdade de agir e o respeito à dignidade humana, questões estas imprescindíveis na sociedade atual, na qual precisa-se, cada vez mais, aprofundar e sustentar valores e atitudes compatíveis com os direitos humanos para a promoção de reflexões sobre o potencial humano das pessoas com deficiência, até porque todos nós apresentamos limitações e enfrentamos dificuldades.

De acordo com Ennulat (2007, p.18) "a arteterapia é um instrumento importante na escola para que através de seus recursos se consiga promover a aceitação e inclusão da criança em meio as suas diferenças". Neste sentido, a arteterapia traz para o contexto educacional uma nova concepção sobre a criança com deficiência, como um ser potente em seu processo de aprendizagem, junto com a presença da arte como força e impulso para expressar a vida.

Para Jung (2007, p.76), "o professor exerce uma grande influência sobre a criança e pode perceber suas necessidades". Sendo assim, o educador pode buscar na arteterapia recursos que o possibilitem auxiliar a criança com deficiência no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem, assim incluindo-a no meio social em que está inserida.

Através da arteterapia o educador pode propiciar a criança com deficiência experiências significativas. Para Adeodato (2007), é importante possibilitar a manifestação da singularidade de cada criança. Trata-se de olhar para a criança que está à nossa frente percebendo as experiências significativas que elas trazem dos seus ambientes familiares e sociais, perceber aquilo que a criança fala pode enriquecer o trabalho do educador a entender como se é formado o processo construtivo de aprendizagem dos indivíduos supracitados.

Entretanto, se o educador que utiliza a arteterapia, não tiver o domínio dos recursos arteterapêuticos e um conhecimento da natureza das deficiências que os alunos apresentam na sala de aula, ele vai trazer para a sua prática o senso comum e, provavelmente, também os estereótipos sobre o deficiente que circulam na sociedade (REILY, 2010).

Um dos problemas mais difíceis de lidar e que, comumente, podem surgir nas relações humanas é a tendência que muitas pessoas têm em enxergarem o outro como sujeito inferior. Acredita-se não serem as leis ou a acessibilidade que elas garantem a criança com deficiência, que

conseguirão tornar as pessoas solidárias e respeitosas. A solidariedade e o respeito devem ser vividos e não impostos.

Apesar da literatura comportar uma série de estudos acerca da importância da arteterapia no contexto educacional inclusivo. É preciso dar oportunidade às crianças com deficiência, (re)conhecer suas habilidades e potencialidades, e não privá-las de viver em sociedade, pois não é um comportamento diferenciado daquele que se considera “normal” que as renderá e aprisionará para sempre em um rótulo de incapacitação e inabilidades.

Conclusões

Este artigo teve como objetivo através de uma revisão bibliográfica, mostrar as transformações possibilitadas pela arte na acessibilidade e inclusão educacional da criança com deficiência, sob o olhar da Arteterapia, e como a mesma pode ser um objeto facilitador para que família, educadores e escola possam contribuir na vida destas crianças em seus processos de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão educacional. Tendo como fonte de pesquisa livros, periódicos, artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Durante o processo de pesquisa e leitura ficou comprovado que as contribuições da arteterapia vêm enriquecer essa concepção de lidar com o aprender. Buscando as mediações das expressões artísticas o educador pode influenciar o processo de inclusão e acessibilidade educacional da criança com deficiência e auxiliar sua aprendizagem e desenvolvimento, como estimular família e escola para contribuir significativamente na estimulação das habilidades cognitivas, motoras e emocionais, destas crianças à partir de sua interação com a arte.

A aprendizagem é inerente a todo ser humano independente de sua deficiência ou não. A arteterapia fornece a criança com deficiência meios para que o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento aconteça, é um excelente benefício para o processo de inclusão escolar o que permite a integração destas crianças ao meio social ao qual pertencem, gerando melhores perspectivas na construção da acessibilidade educacional.

Com este levantamento literário, espera-se que proporcione inquietações para a realização de novos estudos, abrindo novas perspectivas de utilização de técnicas arteterapêuticas no contexto educacional voltadas para crianças com deficiência, ampliando seu campo de ação e utilidade nas

escolas regulares de ensino, para que a mesma torne-se realmente um lugar provedor de uma acessibilidade e educação igual para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, A. . **A Musicoterapia em espaços Escolares:** possíveis contribuições para o processo de inclusão educacional. Espírito Santo: UFES, 2007.

ANDRIES, A. L. F. **A trajetória da associação vsa e o programa arte sem barreiras.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em:

<<http://www.medicina.ufrj.br/acessibilidadecultural/sitenovo/wp-content/uploads/2014/07/tccandreandries.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

BRASIL. Lei 9.394/96. de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF 31 de dez. 1996.

_____. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, 2006. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192> Acesso em: 18 jul. 2017.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva:** com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

ENNULAT, H. C. K. **A arteterapia como facilitadora no processo de inclusão.** Santa Catarina: UCB, 2007.

FERREIRA, J. M.; SOUZA, C. S. de; SILVA, R. M. R. e DECHICHI, C.. **Arte, Formação de Professores e Inclusão Escolar:** Possibilidades de atuação do psicólogo em contextos educacionais. *Cad. psicopedag.* [online]. 2009, vol.7, n.13, pp. 25-41. ISSN 1676-1049.

GRINBERG, L.P. **Jung:** o homem criativo. São Paulo: FTD, 2003.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: MANTOAN; PIETRO R. G. (orgs.) **Inclusão escolar:** portos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MARTINS, L. de. A.. R.. **Inclusão escolar:** algumas notas introdutórias. In; MARTINS, L. de. A. R. et al (Org.). Petrópolis-RJ, 2006.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, P. A. de. Música e arteterapia como recurso terapêutico nas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento humano. **Constr. psicopedag.**, São Paulo , v. 21, n. 22, p.111-131, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 jul. 2017.

REILY, L.. O ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 30, n. 80, p. 84-102, abr. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 ago. 2017.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622010000100007>.

SIGOLO, S. R. R. L. Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Orgs.). **Temas em Educação Especial:** avanços recentes. São Carlos: Edufscar, 2004. p. 189-195.

SILVA, R. F. da. **A inclusão no processo educacional:** alunos especiais (PCD) e a falta de aprimoramento dos docentes na Escola Estadual Professor José Gonsalves de Queiroz em Sumé-PB. Monteiro: UEPB, 2014.

SILVEIRA, N. Da. **Jung: vida e obra** – 21. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

UNESCO. Declaração de Salamanca sobre Princípios, **Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais** 1994. Unesco, 1998.

VALLADARES, A. C. A. (2004). **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental.** São Paulo: Vetor.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.